Correio da AESE
PANORAMA
3.mar.2021
N.773
AESE BUSINESS SCHOOL
www.aese.pt

Índice

O contributo católico nos debates bioéticos 1
Mais universidades com a marca Soros 2
As posições de Joe Biden 3
"Civismo y ciudadanía" 4
"A Dama de Ferro" 5

O contributo católico nos debates bioéticos

O investigador de Oxford, Michael Wee, foi nomeado "membro jovem" (menor de 35 anos) da Academia Pontifícia para a Vida. Nascido em Singapura, formou-se no Reino Unido, e trabalha hoje em duas instituições ligadas à Universidade de Oxford, o Anscombe Bioethics Centre e o Aquinas Institute of Blackfriars Hall.

Wee disse numa entrevista a "Crux" (4.2.2020), que esta categoria de membros jovens, criada pelo Papa Francisco com a reforma da instituição em 2016, é um sinal muito positivo. Muitos, diz, de modo aos jovens se envolverem mais na Igreja, evitam o que parece "sério". "Mas também os jovens se sentem atraídos pelos tesouros intelectuais da Igreja".

Um desses tesouros do magistério católico é a sua "fé na razão"; isto é, a convicção de que ambas as instâncias são complementares, e não mutuamente excludentes. Salienta que "num lugar como a Grã-Bretanha, onde a maioria não se considera cristã, os instrumentos da filosofia – ou seja, a razão natural – são especialmente valiosos para ajudar as pessoas a entenderem o ensinamento moral católico. Antes de falar da teologia do corpo, há que falar da teleologia do corpo".

Wee, que se formou desde pequeno com os dominicanos, dá como exemplo a filosofia de São Tomás de Aquino, que conhece bem. Para ele, o pensamento de São Tomás é particularmente valioso, porque mostra que "a razão natural pode levar-nos aos *preâmbulos da fé*". O seu trabalho no Anscombe Bioethics Centre, ao qual acorrem procurando assessoria profissionais da saúde e outras pessoas que atendem doentes, permitiu-lhe comprovar que "a doutrina da Igreja pode ser profundamente libertadora, precisamente porque é razão em harmonia com a fé". Este atrativo é entendido mesmo de fora da Igreja. Prova disso foi o convite que recebeu de uma instituição não católica a fim de participar num projeto de investigação que se debruçou sobre o papel das virtudes nas doenças mentais.

Diz Wee que "a bioética católica tem sido especialmente boa a assinalar absolutos morais. Mas não temos sido tão bons ao abordar questões onde não há uma linha vermelha clara e nas quais para decidir que procedimento é correto, faz falta um exercício rigoroso da virtude da prudência". Assim, a bioética católica não se reduz a condenações morais. Deve ter em conta, por exemplo, as possíveis consequências sociais de uma prática como os úteros artificiais.

Isso não significa, adverte Wee, que o juízo moral se deva converter num puro contrabalançar efeitos das ações: "Não somos utilitaristas ou proporcionalistas!". A bioética verdadeiramente prudente também é capaz, por exemplo, de discernir "a lógica interna de uma determinada tecnologia" para saber se o seu uso é moral e imoral. É um "mito moderno" pensar que "a tecnologia é 'moralmente neutra', que se limita a proporcionar uma alternativa aos meios naturais, mas raras vezes é assim". "A tecnologia tem sempre uma predisposição para certos valores mais do que para outros, devido ao modo como opera ou das coisas que mede".

Wee insiste na tecnologia, porque considera que esta é inseparável dos principais dilemas éticos presentes e futuros. O que considera mais premente é a manipulação genética. De momento, diz, não há indícios de que a manipulação genética seja intrinsecamente imoral, e ainda falta um aprofundamento do magistério sobre este tema. Mas louva a abordagem da instrução "Dignitas personae" (2008), da Congregação para a Doutrina da Fé, como modelo dessa análise tipicamente católica: atento ao concreto – determinadas tecnologias – e sabendo simultaneamente encontrar a sua lógica interna, e sempre com base no fundamento da dignidade da pessoa como imagem de Deus.

Por outro lado, salienta Wee, a Igreja deve continuar a recordar a doutrina católica tradicional sobre temas como o aborto, a eutanásia ou os contraconcetivos. "Se os fiéis não compreendem porque a dignidade da vida ou do casamento é tal que exclui sempre determinadas ações, como é que vamos desenvolver uma perspetiva autenticamente católica em temas mais complicados como a inteligência artificial?".

Mais universidades com a marca Soros

George Soros atribuiu 1000 milhões de dólares à criação de uma rede de universidades focada na promoção de "sociedades livres". O projeto, denominado Open Society University Network (OSUN), é dirigido por Leon Botstein, presidente da Bard College de Nova Iorque e firme defensor do livre debate no âmbito académico ("Aceprensa", 18.6.2019).

Botstein, citado pelo "The Wall Street Journal" (23.1.2020), salientou que a iniciativa impulsionará a colaboração entre vários centros de educação superior de todo o mundo quanto a cursos superiores e planos de estudo, e que os matriculados receberão, uma vez formados, um título local e outro válido nos EUA. Instituições educativas de lugares tão diferentes como Reino Unido, Palestina, Quénia, Bulgária, Vietname, etc., formarão a OSUN, e contarão com a colaboração de museus, centros artísticos e culturais, e *think tanks* de diversos campos.

Soros, que não gosta de regimes totalitários como o chinês ou de semi-democracias como a russa, arranca assim com uma rede educacional para "difundir o pensamento crítico e a discussão intelectual aberta, de modo a fortalecer os cimentos da sociedade aberta, no contexto do atual ressurgimento autoritário".

Que o magnate húngaro-norte-americano se considera escolhido para, através de dinheiro e de influências, modelar as sociedades contemporâneas de acordo com as suas próprias ideias, está fora de qualquer dúvida. De facto, há algumas décadas que o confessou sem grandes rodeios ao seu biógrafo, o jornalista Michael T. Kaufman: "O meu objetivo é conseguir converter-me na consciência do mundo". E, agora, parece estar a dar mais um passo.

A "agenda de Soros", tão multidirecional, é pública. A Open Society congratula-se, por exemplo, de ter "ajudado [várias] organizações a ganhar em 2015, no Supremo Tribunal [dos EUA], o caso pelo qual foi declarado legal o casamento entre pessoas do mesmo sexo nos 50 estados".

Outras associações para as quais flui o dinheiro da "consciência do mundo" são o Center for Reproductive Rights, a NARAL Pro-Choice America, a National Abortion Federation e a Planned Parenthood, entidades cujo denominador comum é a promoção ativa do aborto nos EUA e em outros países.

De igual modo, assuntos tão controversos como a legalização da canábis contam com um defensor em Soros, que já em 2010, dias antes de uma votação sobre o tema na Califórnia, escreveu um artigo no "The Wall Street Journal" intitulado "Why I Support Legal Marijuana" (26.10.2010), e depois contribuiu com o então presidente José Mujica e a organização Regulación Responsable, para impulsionar a legalização do narcótico no Uruguai.

Dado várias das causas da Open Society Foundation serem, pela forte carga ideológica, objeto de divisão social, a dúvida é se se poderá defender posições contrárias a elas numa rede de instituições com semelhante mecenas. Sobre isto, o diretor da OSUN, respondeu a várias perguntas da "Aceprensa":

— *Sr. Botstein, de que modo pode uma rede como esta animar o debate de ideias num mundo universitário tão contaminado pelo politicamente correto?*

— A rede internacional de universidades utilizará profissionais com um currículo de artes liberais, focando-se no pensamento crítico e no debate aberto, com a missão fundamental de desafiar as ortodoxias, entre as quais, o politicamente correto.

— *Não existe risco da OSUN ser entendida como uma simples extensão da, muitas vezes controversa, agenda de Soros?*

— Não, trata-se de uma subvenção de uma fundação especificamente para o ensino, de apoio aos ideais de liberdade, abertura e tolerância, e oposta ao sectarismo. Dessa forma, os objetivos da OSUN podem entrar em conflito com algumas agendas locais ou regionais que querem subordinar o ensino a uma determinada ideologia. Mas isto não é sobre política, mas sobre educação.

— *Qual será o seu cunho pessoal neste projeto?*

— *A* única marca que desejaria deixar na OSUN, é que esta se converta numa empresa que proporcione um ensino superior de alta qualidade nos sítios e para as pessoas que normalmente não podem aceder a ele.

L. L.

As posições de Joe Biden

O novo presidente dos EUA, Joe Biden, que foi senador do Delaware (1973-2009) e vice-presidente com Barack Obama (2009-2017), destaca-se, segundo os seus apoiantes, pelo seu caráter conciliador como um dos seus melhores trunfos. Mas as suas posições políticas, mais moderadas do que as do senador Bernie Sanders, andam longe do centro.

Tal como Barack Obama, Biden é um político de modos não agressivos. Esta qualidade é atrativa para os descontentes com a polarização. Mas se essa não agressividade nas formas não for acompanhada por políticas moderadas, o regresso à crispação é possível. Recordemos que a vitória de Trump em 2016 teve muito de resposta ao combativo segundo mandato de Obama.

Os meios de esquerda construíram a narrativa "Biden, o conciliador" *vs.* "Trump, o polémico". John Avlon, um dos principais analistas da CNN, apresentou o duelo entre ambos como uma escolha entre uma política modelada pelas virtudes "da decência, da empatia e da experiência", que na sua opinião Biden encarna, e o modo de governar de Trump.

O próprio Biden jogou esta carta nas eleições, ao defini-las como "uma batalha pela alma do nosso país". Na sua visão para os EUA, apelou à esperança, à inclusão, à igualdade de oportunidades, à reconstrução da classe média… Mostrou-se decidido a unir o país e, de passagem, um partido agitado pela nova geração de "democratas socialistas".

Pode ser que a campanha de Biden não tenha despertado grandes entusiasmos, mas foi eficaz. Após duas tentativas falhadas à nomeação presidencial democrata (1988 e 2008), acabou por se tornar o favorito da cúpula do partido. E recebeu o apoio de grande parte dos seus rivais que foram abandonando a corrida pela nomeação: Pete Buttigieg, Amy Klobuchar, Mike Bloomberg, Kamala Harris (que veio a ser escolhida por ele para vice-presidente), Beto O'Rourke, Cory Booker…

Os partidários de Biden consideram que ele é uma ponte com a era Obama. Mas os seus críticos pela direita veem-no mais à esquerda do que quando era vice-presidente, sobretudo em relação aos assuntos que atualmente são prioritários para os democratas: saúde, educação, desigualdade, mudança climática…

Diversamente da proposta de "Medicare para todos" de Bernie Sanders, que implicava a proibição de contratar seguros médicos privados, Biden advogou ampliar a reforma de saúde de Obama com a opção de um seguro público para os que não possam pagar um privado.

Sanders queria que as universidades públicas sejam gratuitas para todos; Biden defende limitar a gratuidade aos estudantes das *community colleges,* instituições públicas onde se estuda em cursos de dois anos, já de si mais baratas do que as universidades.

Diversamente do senador pelo Vermont, Biden é um entusiasta dos tratados de comércio livre. E tem entre as suas prioridades a reforma migratória e a do sistema judicial penal.

Sanders apoiou o *Green New Deal* promovido por Alexandra Ocasio-Cortez. Biden diz que vai adotar as linhas gerais desse novo pacto, mas apresenta um plano próprio para alcançar uma energia 100 % limpa de emissões de carbono em 2050. Uma das suas particularidades é o apoio às novas tecnologias nucleares.

Todas estas propostas exigirão aumentar os impostos. É conhecido o entusiasmo de Sanders em fazer subir a fatura fiscal dos ricos ("Aceprensa", 7.1.2020), algo que faz parecer "centrista" a Biden. É verdade que o antigo vice-presidente foi o candidato democrata que propôs a subida de impostos mais moderada, mas também é certo que o aumento proposto mais do que duplica o de Hillary Clinton nas primárias de 2016, segundo estimativas de Jim Tankersley no "The New York Times" (4.12.2019).

A campanha de Biden ofereceu pacotes de medidas para contentar um espectro variado de votantes, continuando a política identitária de Obama: um plano para a comunidade LGBTQ+, outro para a latina, outro para a negra, outro para a América rural… Talvez o mais rocambolesco de todos seja o da comunidade católica. Biden imagina um catolicismo onde só interessam as causas que o seu partido promove.

Tal como outros democratas católicos que apoiam o aborto, Biden apela ao argumento "sou pessoalmente contra, mas não imponho as minhas convicções". O paradoxo é que enquanto dizia isso, Obama não achava inconveniente obrigar todos os empregadores – incluindo as instituições de inspiração religiosa – a garantir às suas empregadas o acesso gratuito aos contraconcetivos, à pílula do dia seguinte e à esterilização.

Por outro lado, não há razão para falar sobre religião e de imposições neste assunto, como recordou a Biden outro político católico, o republicano Paul Ryan, para quem a sua oposição ao aborto "se baseia na ciência e na razão". Para o então congressista, a única coisa que acrescentava a sua fé a este debate, era uma sensibilidade maior para ajudar as mulheres "apanhadas no dilema de uma crise de gravidez" ("Aceprensa", 31.10.2012).

A posição de Biden sobre o aborto viu-se arrastada para um extremo do arco ideológico, à medida que as posições do partido se foram radicalizando. Enquanto nos anos setenta do século passado dizia que o Supremo Tribunal tinha ido "demasiado longe" na sentença *Roe v. Wade*, passou a defender – desde junho de 2019 – o financiamento do aborto com fundos federais, incluindo no estrangeiro. Das restrições que apoiou ao longo da sua carreira, Joe Biden continua a manter a sua oposição ao chamado *partial birth abortion*, que provoca a

morte do feto por aspiração do cérebro no sexto ou sétimo mês de gravidez.

No que sim é consequente Biden, é na sua recente posição favorável à abolição da pena de morte, uma mudança significativa em relação à sua Lei contra os delitos violentos (1994), que criou novas penas capitais.

Além disso, Biden opôs-se sempre à legalização da marijuana, um tema em que é claramente mais conservador do que muitos dos seus colegas de partido. Atualmente apoia a despenalização – algo que não fez na Administração Obama –, mas não a legalização no plano federal. E defende deixar a decisão nas mãos dos estados.

Na era Trump, Biden ergueu a bandeira do bipartidarismo e da conciliação. Um dado encorajador é que os seus seguidores estão mais dispostos do que os de Sanders a chegar a acordos com os republicanos, mesmo que isso signifique renunciar a algumas posições democratas. Mas tendo em conta o modo como Biden evoluiu nos assuntos económicos e culturais, não é de afastar que as suas convicções mais moderadas acabem por ceder às exigências de um partido sedento de desforra.

J. M.

"Civismo y ciudadanía"

Autor: Higinio Marín
La Huerta Grande. Madrid (2019)
104 págs.

"Civismo y ciudadanía" é uma recolha de breves ensaios do filósofo e professor Higinio Marín, autor de obras como "Teoría de la cordura y de los hábitos del corazón" ("Aceprensa", 23.8.2011) ou "El hombre y sus alrededores" ("Aceprensa", 29.5.2013), centradas numa proposta de compreensão da complexa convivência social e política nos nossos dias.

Os textos reunidos no seu último livro agrupam-se em quatro blocos: "Sobre nuestro mundo", "Pensamiento atópico", "La cosa pública" e "Digresiones finales", e neles abordam-se temas como o nacionalismo, as possibilidades de relação entre modernidade e tradição, as políticas europeias, as implicações das tecnologias e dos meios de comunicação sobre a vida, a corrupção, a religião no espaço público, a liberdade de expressão, a paternidade, o rasto contemporâneo de acontecimentos como o Maio de 1968, etc.

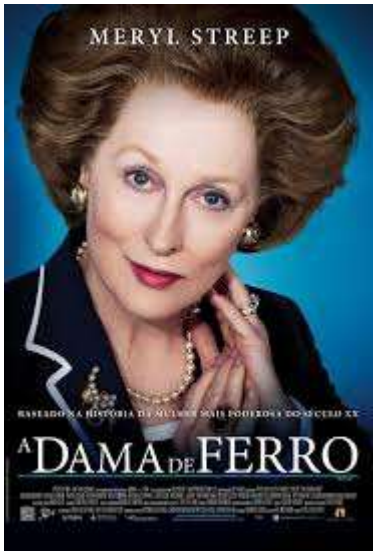
Sobre a premissa da necessidade da convivência em sociedades modernas, onde há uma "irredutível pluralidade de visões morais e ideológicas", Marín propõe a despolitização do bem comum, a crítica ao Estado Providência e neo-patriarcal, a abertura mental que olha para o futuro partilhado em boa vizinhança, de modo a transcender os localismos e mitos culturais baseados nas emoções, a reivindicação das virtudes pessoais – principalmente a sobriedade, a escuta e a conversa. Na sua opinião, a política, "além de ser o campo para disputas legítimas e até para a defesa de interesses próprios contra os alheios, deveria ser também a ocasião para sair do ponto de vista próprio e tornar-se capaz de reconhecer o que for justo na posição do outro, para corrigir o unilateralismo da posição própria e poder assumir elementos das visões contrárias".

Como nos seus livros anteriores, o leitor encontrará o empenho retórico de Marín em configurar narrativas ricas, sintéticas e acessíveis, metáforas e contrastes luminosos, frases bem frondosas e vigorosas que tomam dramaticamente unido o que, no meio das nossas vidas, temos dificuldade em ver nas suas ligações. Parece confirmar que a verdade nunca nos parece tão verdadeira como quando nos é contada com beleza.

J. M. M.-F.

“A Dama de Ferro”

“The Iron Lady”



Realizadora: Phyllida Lloyd
Atores: Meryl Streep, Jim Broadbent
Duração: 145 min.
Ano: 2011

A 4ª temporada da série “The Crown” foca, por vezes, a figura da primeira-ministra britânica Margaret Thatcher. Trata-se de uma personalidade marcante ao dirigir os destinos da Grã-Bretanha durante 11 anos e meio. Odiada por uns e amada por outros, não deixa ninguém indiferente e isso nota-se de maneira especial no filme “A Dama de Ferro”, realizado por uma mulher que sofreu na pele algumas das medidas político-económicas de Thatcher. Mais tarde, ao realizar este filme sobre ela, não deixa de transparecer alguma antipatia, mas, no entanto, faz justiça a um aspeto essencial: a “Dama de Ferro” sabe o que quer. É alguém empenhada em intervir no mundo que a rodeia, no que ela considera que seria o mais correto a fazer.

Desde o início se pode ver que ela tem um projeto! Possui uma motivação galvanizadora. Não esconde o que pensa nem o que pretende. Ela própria prepara os discursos defendendo as suas convicções. Sabe apresentar as suas razões de forma compreensível e com um toque de humor que a todos alcança. Luta por aquilo em que acredita e demonstra-o com gestos. As palavras são seguidas de ações. Planeia, explica e executa. Não contemporiza… reflete, decide e avança. Isso faz toda a diferença!

Tópicos de análise:

1. A motivação na defesa de um ideal atrai outros a segui-lo.
2. Não basta ter razão: é preciso saber demonstrá-la com factos.
3. Os gestos concretos confirmam o caráter da pessoa.

Hiperligação

Paulo Miguel Martins
Professor da AESE